

## Capítulo 41

# Tradição, modernidade e crise nas transições para o mundo do trabalho

## Persistências e transformações entre os jovens açorianos

*Fernando Diogo*

Universidade dos Açores – CICS.NOVA (fernando.ja.diogo@uac.pt)

*Oswaldo Silva*

Universidade dos Açores – CICS.NOVA (osvaldo.dl.silva@uac.pt)

*Ana Cristina Palos*

Universidade dos Açores – CICS.NOVA (ana.cp.palos@uac.pt)

### Abstract

The school experience of young people has been changing, not only being longer, but also being marked by competition, calculation and strategies, setting up a relationship of young people to the school of utilitarian nature (Dubet, 1991) or instrumental (Barrère, 1997). This becomes a common denominator in the multitude of school experiences of young people who, in turn, continue to be highly structured by educational inequalities (Duru-Bellat, 2003; Teese et al., 2007; Zanten, 2005), in continuous reconfiguration in the context of an increasingly complex and competitive educational opportunities.

In Portugal, where the inequalities are a structural problem, the last crisis, worsened from 2008, increased unemployment and job insecurity, increasing the uncertainty of young people regarding the future. However, its effects on the school experience of young people aren't yet well known.

In this communication we will examine some indicators on school experience of young people in the Azores, a region marked by modernity and tradition, in a particularly stark way. Azorean youngsters as a broader age group (15-34 years) are analyzed from a representative sample of the Azores (N = 1485) (Gonçalves et al., 2010).

We use multiple correspondences analysis, complemented by cluster analysis, identifying different profiles and youth subprofiles about the relationship to school life. It is shown that the various profiles ascribe different meanings to schooling referring to cultural references and distinct values. So, meanings of more instrumental nature are valued, together with meanings placed in post-materialist cultural universes (Inglehart, 1995 cit. by Ramos, 2000). Between these two more specific poles, some young people are joining education in a unengaged way.

## Resumo

A construção da juventude, sua emergência e alongamento, tem estado intimamente associada ao desenvolvimento da escolarização de massas que, a partir da segunda metade do século XX, significou um contínuo prolongamento dos estudos para largas camadas de jovens em muitos países ocidentais, adiando a sua emancipação financeira e familiar. Deste modo, o percurso escolar e a experiência de ser aluno têm vindo a definir cada vez mais a condição e a identidade dos jovens.

A “crise de oportunidades juvenis” (Grácio, 1991) que se instalou partir dos anos 70 contribuiu para intensificar o investimento na escola, como forma de compensar a desvalorização dos diplomas escolares e como meio de adiamento da entrada num mercado de trabalho onde a inserção se tornou cada vez mais difícil.

Deste cenário emergiu uma experiência escolar não só mais prolongada, mas também marcada pela competição, pelo cálculo e pelas estratégias, configurando uma relação dos jovens com a escola de natureza utilitarista (Dubet, 1991) ou instrumental (Barrère, 1997). Esta torna-se um denominador comum na multiplicidade de experiências escolares dos jovens, que, por seu turno, continuam a ser fortemente estruturadas por desigualdades educativas (Duru-Bellat, 2003; Teese *et al.*, 2007; Zanten, 2005), em contínua reconfiguração, no quadro de uma oferta de ensino crescentemente complexa e concorrencial.

Em Portugal, as desigualdades educativas constituem um problema estrutural, evidenciando-se nos indicadores de escolarização, usados nas comparações internacionais, que colocam o país numa situação particularmente desfavorável. Destacam-se o elevado abandono escolar precoce, bastante acima da média europeia (Carmo, Cantante e Baptista, 2010) e uma progressão escolar muito marcada pelas desigualdades de origem social (Observatório das Desigualdades, 2012).

A situação de crise dos últimos anos, agudizada a partir de 2008, aumentou o desemprego e a precarização do emprego, intensificando a incerteza dos jovens relativamente ao futuro, especialmente, no que respeita à transição escola-trabalho. Contudo, não são, ainda, bem conhecidos os seus efeitos ao nível da experiência escolar dos jovens.

Nesta comunicação iremos analisar alguns indicadores relativos à experiência escolar dos jovens da Região Autónoma dos Açores.

Embora revelando progressos no investimento escolar dos indivíduos nas últimas décadas, visível no aumento da procura dos níveis de ensino mais elevados (Diogo, 2008; Palos, 2002), os Açores constituem uma das regiões onde as desigualdades educativas assumem contornos mais gravosos no território nacional, expressas nos elevados abandono escolar precoce (Observatório das Desigualdades, 2015) e insucesso escolar (CNE, 2012), assim

como numa menor procura de ensino superior (Almeida e Vieira, 2005). Numa pesquisa que realizámos anteriormente nesta região, limitada à ilha de S. Miguel (Diogo, 2008), identificámos diferentes perfis de jovens, traduzindo lógicas de investimento escolar diversificadas. Para além de perfis que se aproximavam do modelo de aluno profissional (Dubet, 1991), encontramos perfis de jovens desvinculados da escola, desdobrados em lógicas distintas, uma de investimento nas sociabilidades juvenis e uma outra de investimento na entreaajuda familiar em contexto de trabalho rural.

Na análise da experiência escolar dos jovens açorianos na transição para o ensino secundário, salientou-se, assim, a especificidade de uma região mesclada de modernidade e de tradição, de uma forma especialmente vincada. Paralelamente às dinâmicas que se salientam no quadro de uma sociedade de ensino massificado, evidenciou-se um sector rural, onde se valorizava a entreaajuda familiar, surgindo esta como uma mobilização familiar inversamente relacionada com o investimento escolar (Diogo, 2008).

Na presente comunicação procuramos dar continuidade a este trabalho, analisando os jovens açorianos numa faixa etária mais alargada (15-34 anos) e a partir de uma amostra representativa dos Açores (N = 1485) (Gonçalves *et al.*, 2010).

A análise procura responder às seguintes questões: (1) Quais os perfis dos jovens açorianos no que respeita às suas trajetórias de escolarização? (2) Como se caracterizam estes perfis, de um ponto de vista sociodemográfico? (3) Como se caracterizam os diferentes perfis, relativamente ao sentido atribuído à escolaridade e ao trabalho escolar?

Os resultados apresentados são referentes a um inquérito acerca da relação da juventude açoriana com a educação e o mundo do trabalho, realizado no Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores (CES-UAc), tendo sido produzido um relatório final em 2010 (Gonçalves *et al.*, 2010).

Nesta comunicação apresenta-se uma nova exploração dos dados, através de análises multivariadas, com o objetivo de identificar perfis de jovens relativamente à relação com a escola. Para o efeito, recorre-se à análise das correspondências múltiplas, complementada por análise de clusters, na esteira de Carvalho (2008). Procura-se, assim, identificar os principais eixos que estruturam os percursos escolares dos jovens e, com base nestes, construir tipologias.

A análise de correspondências múltiplas das trajetórias e aspirações da globalidade dos jovens açorianos inquiridos, com idades situadas entre 15-34 anos, mostra que essas se encontram estruturadas por dois eixos principais. Um primeiro que opõe os não estudantes aos estudantes. Um segundo que é constituído pelo nível de instrução dos jovens e a intenção de retomar estudos. Com base nestes eixos identificaram-se três perfis de jovens (i) abandono precoce e não intenção de retorno à escola; (ii) trajetões escolares mais ou menos prolongados e intenção de retorno à escola; (iii)

estudantes. Realizou-se, ainda, uma análise focalizada nos estudantes, a partir da qual se identificaram três subperfis: (i) em risco de abandono precoce (ii) empenhados (iii) desimplicados.

Por fim, mostra-se que os diversos perfis atribuem sentidos diferentes à escolarização que remetem para referências culturais e valores distintos. Assim, são valorizados sentidos de natureza mais instrumental (satisfação de necessidades básicas), quando se considera que o trabalho escolar “é apenas uma forma de mais tarde ter um emprego (ganha-pão)”, reenviando para universos culturais tradicionais. Paralelamente, evidenciam-se significados relativos ao desenvolvimento intelectual, à realização pessoal e a motivações altruístas que se inscrevem em universos culturais pós-materialistas (Inglehart, 1995 cit. por Ramos, 2000). Entre estes dois pólos mais definidos, encontram-se os jovens que aderem à escolaridade de uma forma desimplicada.

**Palavras-chave:** trajetórias escolares, sentidos atribuídos à escola, perfis de jovens, região Açores.

**Keywords:** school trajectories, meanings ascribed to school, youth profiles, Azores.

### Introdução: contextos do acesso juvenil ao trabalho

Desde os anos 80 que nas sociedades ocidentais se verifica um conjunto de transformações sociais que tem tido várias consequências. Alguns autores chegam mesmo a designar estas transformações como uma mudança no próprio regime capitalista (Castel, 2009:13, Kóvacs, 2013:3), dada a sua amplitude.

Um efeito importante dessas transformações respeita ao aumento das desigualdades de distribuição de rendimento, às quais estão associadas mudanças na relação com o trabalho (Beck, 2005:140, OCDE, 2011, OCDE, 2012:187, 190, Piketty e Saez, 2014:838), em especial a instalação do desemprego de massas e a desregulação do emprego com o crescimento da precariedade (Kóvacs, 2005:1, 2013:2, Castel, 2009:54). Este último fator não é, para Portugal, algo novo, a precariedade no emprego sempre afetou as categorias sociais mais despossuídas, dada a fraqueza do estado português na imposição da regulação laboral. O que é novo é o contágio da precariedade às classes médias em anos mais recentes (Diogo, 2012), especialmente entre os jovens (Guerreiro, Cantante, & Barroso, 2009: 52).

As gerações mais velhas estão *relativamente* protegidas deste processo de instalação do desemprego de massas e de precarização dos vínculos, sendo que é entre os jovens que estes fenómenos mais efeito

têm tido em Portugal e no exterior (Guerreiro e Abrantes, 2007; Alves *et al.*, 2011; Oliveira *et al.*, 2011:35 e 2013; Kóvacs, 2013:5; Lobo, Ferreira, & Rowland, 2015:3).

Mas a relação dos mais novos com o mundo do trabalho complexifica-se para além do desemprego e de precarização do emprego. Encontramos entre estes a multiplicação de formas intermédias entre emprego e desemprego que tornam emaranhadas as transições para a idade adulta e difusas as fronteiras entre emprego, desemprego, atividade e inatividade (Beck, 2005:142). Desde logo o prolongamento da escolaridade por perceção da inexistência de possibilidades de emprego (na tentativa de as aumentar<sup>1</sup>) mas também os estágios, as formações não escolares (por vezes remuneradas) e os programas ocupacionais (Ferreira, 2014).

Além disso, esta transição difícil dos jovens para o mundo do trabalho prolonga-se no tempo, daí ter sido batizada como transições em *ioió* (Biggart & Walther, 2006), adquirindo características que se encontravam associadas à relação com o emprego das categorias sociais mais desfavorecidas: as trajetórias de emprego em carrossel (Diogo, 2010).

Do ponto de vista macroestrutural as dificuldades juvenis de acesso ao mercado de trabalho têm implicado a complexificação e a diluição das fronteiras entre a juventude e a idade adulta (Guerreiro & Pegado, 2006; Palos, 2014), ou a realização de transições incertas para a idade adulta (Guerreiro e Abrantes, 2007), considerando que o ingresso no mundo do trabalho é um marco fundamental nesta transição (Alves *et al.*, 2011:6). O resultado é o arrastamento das características associadas à condição juvenil para idades mais avançadas, é esse o caso da juventude portuguesa (Ferreira, 2014; Lobo, Ferreira, & Rowland, 2015: 4).

A crise política e económica começada em 2000 e agravada pela crise financeira e política de 2008 mais não tem feito que contribuir para aprofundar este processo (OCDE, 2012).

Acresce que se as desigualdades sociais entre jovens foram agravadas pela crise de 2000-2008 não foram criadas por esta. Já em 2006 Guerreiro e Pegado (2006:5-6) salientavam que entre os jovens portugueses

---

1 Como diriam Vieira, Ferreira, & Rowland (2015:12), gerando uma situação em relação à escolaridade de “parque de estacionamento”. Embora esta metáfora tenha as suas limitações, a situação dos jovens na escola não é estática, adquirem conhecimentos rentáveis no mercado de trabalho. Com observações semelhantes podemos encontrar outros autores (Guerreiro *et al.*, 2009:11, Machado e Silva, 2009:2).

continuava a existir um contingente importante caracterizado por transições rápidas para o mundo do trabalho, mesmo que em situações de precariedade. Quer isto dizer que quando falamos em juventude não podemos ignorar as desigualdades sociais de cariz estrutural que passam a sociedade portuguesa e às quais a juventude não é imune. O efeito destas desigualdades na juventude é tão evidente que permite falar em juventudes como contraponto à Juventude, de forma a salientar o seu efeito estruturante.

Neste sentido, Kóvacs (2013)<sup>2</sup> encontrou como os mais relevantes princípios de desigualdade entre os jovens a origem social e a escolaridade possuída à saída da escola, aliás, fatores relacionados. Guerreiro e Pegado (2006:17 e ss) realizam uma sistematização da literatura sobre a relação da juventude com o mundo do trabalho e consideram que as desigualdades de qualificações escolares no seio da juventude são centrais para a definir (e diferenciam a juventude portuguesa de outras juventudes europeias, onde os níveis de escolaridade são mais homogéneos). No mesmo sentido, um estudo qualitativo realizado por Guerreiro, Cantante, & Barroso, (2009:241), veio vincar a centralidade da reprodução social nas trajetórias escolares dos jovens e do peso destas nas trajetórias de emprego, em especial para os rapazes.

Centeno *et al.* (2000: 64) sintetizam com pertinência esta questão quando consideram que nem todos os jovens se encontram no mesmo patamar quando procuram aceder ao mercado de trabalho pois esta categoria social é passível de ser dividida: por um lado, jovens que retardam a sua entrada no mercado de trabalho e, por outro, os que procuram integrá-lo precocemente.

Enfim, fica claro, na análise dos estudos realizados em Portugal, a importância da origem social e da escolaridade na definição do destino social dos jovens, em especial no mercado de trabalho, mas também a existência de uma distância considerável entre percursos mais típicos dos países com maiores escolaridades e percursos de escolaridade curta e inserção precoce no mundo do trabalho. Releve-se, para o caso dos Açores, que o único estudo realizado (Diogo & Faria, 2014) encontrou como principal fator para o abandono o absentismo associado ao desgosto pela escola e à sua valorização como local de convívio com o grupo de pares. Com efeito, e de acordo com a maioria dos depoimentos

---

2 Num estudo de cariz qualitativo realizado na região de Lisboa.

recolhidos neste estudo qualitativo, a escola é vista como um espaço de convívio e não como espaço de transmissão de conhecimento. Neste sentido, as faltas às aulas para conviver, no espaço escolar e fora dele, revelaram-se como uma rotina diária. É este facto que acaba por despoletar a saída da escola e a procura do ingresso no mercado de trabalho.

Mau grado as desigualdades associadas aos níveis de qualificações escolares Palos (2004) salienta a existência de uma especificidade portuguesa, os níveis de qualificação mais elevados parecem não proteger do desemprego da mesma maneira que no resto da Europa.

Os Açores têm taxas de escolarização<sup>3</sup> baixas no contexto nacional, ainda que em crescendo (Palos, 2012, 2014) e apresentam uma percentagem de população jovem no total da população (21,6%) bem maior que a média nacional (Vieira, Ferreira, & Rowland, 2015: 11). Estas duas características marcam a região como um caso relativamente singular no contexto nacional e, ao mesmo tempo, configuram-na como um caso particularmente interessante de se estudar. As principais tendências que definem a relação com a escola e as qualificações escolares na sociedade portuguesa (e que a singularizam em relação ao resto da Europa) estão aqui representadas de forma mais vincada. Em particular, a tendência para a dicotomia entre indivíduos com percursos escolares exemplares e indivíduos com percursos escolares curtos e mal sucedidos bem como a persistência no tempo de taxas de escolarização e de escolaridade muito abaixo do desejável. Contudo, a existência desta dicotomia ainda não está minimamente estudada e, nesse sentido, esta comunicação é um contributo para esse objetivo, embora mais focalizada na transição escola-trabalho.

O que justifica os piores números da escolaridade e escolarização nos Açores em comparação com o conjunto do país? Sendo esta uma questão pertinente, a sua resposta será naturalmente de grande complexidade. Nesta comunicação postula-se que um dos fatores em causa é aquilo que temos vindo a designar como uma adequação perversa entre baixos níveis de escolaridade e o ingresso fácil no mercado de trabalho em atividades de fraca qualidade. Esta fraca qualidade define-se por baixas remunerações, pela precariedade dos vínculos (por vezes assumindo uma precariedade extrema, com trocas diárias de atividade), pela penosidade (enquanto exercício continuado de força física,

---

3 Mas também de escolaridade, como veremos de seguida.

exposição aos elementos e a pós e terras) e pela perigosidade (Diogo, 2007). De notar que os sectores de atividade mais dinâmicos nos Açores e, como tal, suscetíveis de empregarem os jovens caracterizam-se por, com frequência, albergarem atividades que têm as características que associamos à má qualidade do emprego: a construção civil, as pescas, a agricultura e o turismo.

A questão que se coloca é a do efeito da crise na relação com o mercado de trabalho dos jovens fracamente qualificados. Se até há pouco tempo se podia esperar um abandono precoce da escola para ingressar rapidamente no mercado de trabalho em funções desqualificadas a situação modificou-se. A elevada taxa de desemprego impede a relação entre saída da escola e ingresso no mercado de trabalho de se realizar com facilidade<sup>4</sup>. No mesmo sentido aponta o valor de jovens nem-nem: em 2013 é o segundo maior das várias regiões portuguesas (21,0%, significativamente acima da média nacional de 14,1%) (Torres e Lima, 2014:36).

Quer, dizer, se os jovens açorianos estão a abandonar a escola não o estão a fazer para ingressar no mercado de trabalho, mesmo que seja essa a sua intenção.

A questão que se coloca, portanto, é a de quais as diferentes modalidades de ingresso no mundo do trabalho (e, de saída do sistema de ensino) é que se podem encontrar entre os jovens açorianos? Será com base nesta questão que se desenvolverá o trabalho empírico a seguir apresentado.

### **Metodologia: perfis de jovens na relação com o mundo do trabalho**

Os dados foram recolhidos no âmbito de um estudo realizado para o Observatório da Juventude dos Açores, uma organização conjunta do Governo Regional dos Açores e da Universidade dos Açores, tendo como Unidade de Investigação de alojamento o Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores (CES-UA).

---

4 No grupo de idade 15-24 a taxa de desemprego tem sempre apresentado valores acima dos 35%, sendo que no 4º trimestre de 2014 chegou mesmo aos 46%. Já no grupo de idades 25-34 anos a taxa de desemprego tem rondado os 17-18% estando em 19,8% no primeiro trimestre de 2015 (fontes: site do srea e dados solicitados ao srea para cálculo da taxa de desemprego juvenil nos Açores. Dados do 4º trimestre de cada ano exceto 2015, onde os dados são do 1º trimestre).

O inquérito foi aplicado a uma amostra de 1485 indivíduos com idades entre os 15 e os 34 anos. Nos estudos sobre a juventude a definição do limite de idades é sempre um ponto problemático, dada a evidente sobreposição do ser jovem com outras idades da vida, nomeadamente a infância e a idade adulta. Não obstante, as transformações sociais que perpassam a nossa sociedade têm vindo a aumentar o período temporal no qual se pode ser considerado jovem, algo que tem levado a que os 34 anos sejam considerados o limiar etário superior num número cada vez maior de estudos. Os 15 anos foram considerados o limite inferior.

A metodologia utilizada na construção da amostra foi a de estratificação por quotas, tendo-se controlado as variáveis idade, sexo, habilitações literárias, estado civil e situação na profissão. Também foram aplicados inquéritos em todas as ilhas (exceto no Corvo) pelo que, embora sem rigor estatístico, a ilha acabou por funcionar como uma quota adicional.

Os dados foram tratados através do uso de vários métodos estatísticos, com o intuito de estudar as associações entre as categorias das diversas variáveis em estudo (qualitativas nominais, qualitativas ordinais e algumas das quantitativas após a sua recodificação em variáveis qualitativas ordinais). Assim, foi utilizada a Análise em Componentes Principais Categórica (CatPCA). A opção por esta técnica teve o intuito de reduzir a dimensionalidade das variáveis medidas em escalas diferentes sem perca substancial de informação (se todas as variáveis fossem mensuradas numa escala qualitativa nominal teria sido utilizada a Análise de Correspondências Múltiplas).

De forma a resumir a informação presente nas variáveis originais usou-se, portanto, uma CatPCA com o método de normalização da variável principal. O critério de retenção das componentes utilizado foi a regra do valor próprio superior a 1. A consistência interna de cada componente foi medida com o alfa de Cronbach. As análises foram efetuadas com o programa IBM Statistics 22.

Um segundo método de análise respeita à classificação não hierárquica *k-means* (k-médias). Esta tem com o objetivo agrupar os indivíduos (sujeitos) num conjunto de *clusters* (grupos) cujo número é definido *a priori*. Tem como vantagem principal a facilidade com que é aplicado a matrizes de dados de elevada dimensionalidade (muitos grandes), uma vez que não é preciso calcular e guardar uma nova matriz de dissimilaridades em cada passo do algoritmo. Estes dois métodos são complementares e foram usados em articulação.

Infelizmente, por motivos técnicos não nos foi possível trabalhar as variáveis referentes à origem social, designadamente as escolaridades e as profissões dos pais. Trata-se de um obstáculo importante mas incontornável.

### Perfis de transição escola-trabalho

A análise dos perfis de transição escola-trabalho pode ser colocada tendo em atenção dois grupos distintos de jovens. O primeiro, correspondendo a 32,9% do total dos entrevistados, é constituído por estudantes. Neste caso, a análise respeitaria à transição imaginada, salientando-se os potenciais planos dos jovens mas também as suas opiniões sobre o que constitui uma boa transição escola-trabalho. Nesta comunicação este grupo não será objeto de análise.

Um segundo grupo onde se pode analisar os perfis da transição escola-trabalho respeita aos não estudantes, representando exatamente 66,6% do total dos jovens entrevistados o que corresponde a 989 casos. Este conjunto é constituído por populações relativamente distintas, desde logo, destacam-se os trabalhadores (56,8% deste total) mas também é constituído pelos desempregados e por aqueles que não se encontram a estudar, nem a trabalhar, nem à procura de emprego, um conjunto de indivíduos que tem vindo a ser designados por nem-nem, como mencionado na secção anterior deste trabalho. É sobre este grande grupo que incidem os resultados da nossa comunicação.

Vejamos, pois, em detalhe as diferentes formas como lidam os jovens açorianos com a transição para o mundo do trabalho.

O estudo dos perfis de transição escola-trabalho dos jovens não estudantes foi dividido em duas partes. Na primeira analisam-se as variáveis de saída da escola, caracterizam-se as diversas modalidades em que esta se verifica e construiu-se perfis de saída. Na segunda são caracterizadas a entrada no mercado de trabalho e a situação atual.

#### *Saídas da escola*

No que respeita à primeira análise, sobre as saídas da escola, a informação referente à associação entre as variáveis foi resumida em duas componentes ortogonais que explicam 57% da variância total das variáveis originais. Na Tabela 1 apresentam-se os pesos das variáveis de

**Quadro 41.1** Componentes principais retidas na CatPCA

Variáveis	Componentes	
	1. Percurso escolar	2. Peso da demografia
Sexo	-,082	,376
faixa etária	-,395	,621
Estado civil	-,711	,613
Idade casou/começou a viver em união de facto	-,483	,407
Escolaridade do jovem	,666	,632
nº reprovações	,063	-,022
nº filhos	,666	-,475
Idade com que deixou de estudar	,602	,511
Razões deixar estudar	,583	,597
Tenciona voltar a estudar	-,315	-,133
Experiência de trabalho, remunerada ou não	,306	,350
Valor próprio	2.686	2.451
Variância explicada	29.8%	27.2%
$\alpha$ de Cronbach	0.690	0.651

cada componente, a percentagem da variância explicada e a consistência interna com base no coeficiente alfa de Cronbach. A primeira componente pode ser designada por *percurso escolar* enquanto a segunda pode ser nomeada como *atitude face ao estudo* com base nas variáveis que lhe estão associadas (ver quadro 41.1). A consistência interna das duas componentes é relativamente boa, de acordo com os valores do alfa de Cronbach (respetivamente, 0.690 e 0.651).

As quantificações das categorias das variáveis utilizadas, como é apresentado no quadro 41.2, vão permitir projetar as categorias num gráfico bidimensional como o apresentado na figura 41.1. A representação das categorias tem como objetivo facilitar a análise e a visualização das associações entre as categorias das variáveis.

A componente 1 opõe o grupo dos jovens, maioritariamente, com o 1º ciclo ou menos, que deixaram de estudar entre os 8 e os 17 anos por desgosto pela escola. Estes jovens são, em geral, casados e têm filhos. Este grupo opõe-se ao dos jovens com vinte e cinco ou mais anos que deixaram de estudar entre os 18 e 24 anos porque alcançaram os seus objetivos, com curso médio e superior. Claramente, o que está em causa é a dicotomização das experiências escolares dos jovens em causa.

A componente 2 opõe os jovens, maioritariamente, do sexo masculino, na faixa etária dos 15 aos 19 anos, que não têm qualquer experiência de trabalho aos que se apresentam, maioritariamente, na faixa

**Quadro 41.2** Quantificação das categorias das variáveis nas componentes 1 e 2

	Variáveis	Quantificações negativas	Quantificações positivas
Componente 1	Estado civil	Casado/união facto	Solteiro
	Idade casou/começou a viver em união de facto	Menos de 18 anos	
	Escolaridade do jovem	1º ciclo e menos	Com curso médio e superior
	Nº de reprovações	Sem reprovações	Com reprovações
	Nº de filhos	Com filhos	Sem filhos
	Idade com que deixou estudar	8 a 17 anos	18 a 24 anos
	Tenciona voltar a estudar	Sim	Não
Componente 2	Sexo	Masculino	Feminino
	Faixa etária	15 a 19 anos	30 a 34 anos
	Teve alguma experiência ou atividade de trabalho	Não, sou/fui apenas estudante, sem ter tido qualquer experiência de trabalho	Sim, trabalhei, mas apenas em período de férias
	Razões deixar estudar	Desgosto pela escola	Alcançar objetivos
	Idade casou/começou a viver em união de facto		25 a 30 anos e 31 e mais anos

etária dos 30 a 34 anos, são do sexo feminino em que a única experiência de trabalho foi apenas em período de férias. Acessoriamente, nesta componente relevam-se as razões para se deixar de estudar, o desgosto pela escola para o primeiro grupo e o ter alcançado os seus objetivos para o segundo. O que está aqui em causa é o peso dos fatores demográficos, designadamente da idade e do sexo.

De notar que quando se fala em desgosto pela escola se estão a agregar diversas categorias de resposta, todas associadas a formas de expressão de um sentimento de rejeição da escola e do que ela representa. Estão em causa afirmações que justificam o abandono como “Porque não gostava da escola” ou “Porque a escola não serve para nada”.

Com base no mapa percetual, podemos destacar essencialmente dois grupos de jovens, um referente aos jovens que têm mais baixas habilitações escolares que abandonaram a escola mais cedo, em que na base do abandono escolar esteve o desgosto pela escola ou a vontade familiar, enquanto que no outro grupo se encontram os jovens com as habilitações literárias mais elevadas, que saíram mais tarde da escola e

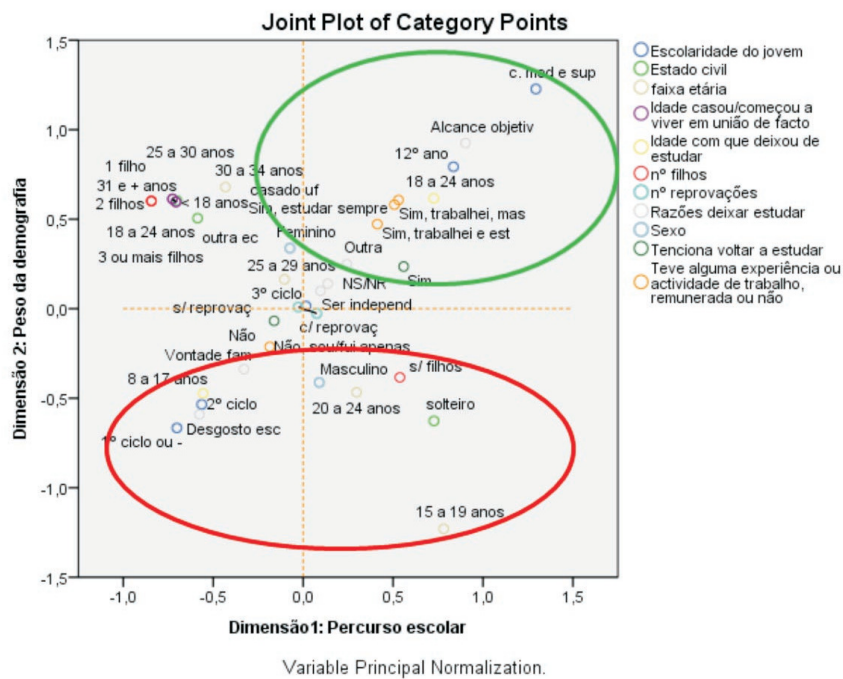


Figura 41.1 Mapa perceptual definido pelas duas componentes principais retidas

que alcançaram os seus objetivos e que apresentam alguma(s) experiência(s) de trabalho.

Considerando as coordenadas dos indivíduos nas duas componentes principais retidas foi aplicada o método não hierárquico das *k*-médias (*k-means*), no âmbito da análise de *clusters*, com o intuito de agrupar os indivíduos em classes e de se confirmar os perfis identificados na análise de componentes principais categóricas (CatPCA). Assim, as principais características dos 366 indivíduos apresentados no *cluster 1* (37% do total) e dos 623 indivíduos do *cluster 2* (63%) são mais facilmente discerníveis.

Em termos mais concretos, o *cluster 1*, compreendendo sensivelmente um terço do total dos respondentes, pode ser nomeado como o de *Investimento na escola*, e é composto por indivíduos que têm o 3º ciclo (28,1%) mas sobretudo o 12º ano ou mais (70,2%); que deixaram de estudar entre os 18 e os 24 anos (92,1%) porque alcançaram o seu objetivo (58,2%) e cerca de um quarto (26,6%) tiveram uma experiência de trabalho remunerada nas férias escolares como primeira experiência no mundo do trabalho.

O *cluster 2* é constituído por dois terços do total, sendo designado como *Abandono precoce*. Assim, as principais categorias que o compõem

são uma baixa escolaridade (1º ciclo 23,1%, 2º ciclo 45,4% e 3º ciclo 29,5%), tendo deixado de estudar entre os 8 e os 17 anos na sua quase totalidade (86,4%). As razões porque o fizeram prendem-se sobretudo com o desgosto pela escola (54,3%) mas também com a vontade da família (18,5%). Finalmente, a sua primeira experiência de trabalho deu-se após a sua saída da escola, dado que nunca tiveram qualquer tipo de experiência profissional enquanto a frequentavam (85%). Aliás, algo que se compagina com a idade baixa com que deixaram de estudar.

### *Mercado de trabalho, ingresso e posicionamento*

A segunda análise que apresentamos respeita ao mesmo grupo de indivíduos e incide sobre a sua situação no mundo do trabalho (de onde se destacam as variáveis respeitantes à transição para o trabalho) e sobre a sua situação familiar no momento da entrevista.

A informação referente à associação entre as variáveis foi resumida em duas componentes ortogonais que explicam 51,7% da variância total das variáveis originais. No quadro 41.4 apresentam-se os pesos de cada variável de cada componente, a percentagem da variância explicada e a consistência interna com base no coeficiente alfa de Cronbach. A primeira componente pode ser designada por *vida familiar* enquanto a segunda componente pode ser designada por *atividade profissional* com base nas variáveis que lhe estão associadas (ver quadro 41.4). A consistência interna das duas componentes é relativamente boa, de acordo com os valores do coeficiente alfa de Cronbach (respetivamente, 0.708 e 0.620).

Mais uma vez, as quantificações das categorias das variáveis utilizadas (quadro 41.4) permitem projetar as categorias das variáveis em análise no gráfico (figura 41.2).

A componente 1 opõe o grupo dos jovens, maioritariamente, do sexo masculino, na faixa etária dos 15 aos 19 anos, solteiros, sem filhos ao dos jovens que se encontram casados ou vivem em união de facto desde a idade de 18 anos ou menos, que têm 3 filhos ou mais e que se encontram na faixa etária dos 30 a 34 anos. Estamos, portanto, perante uma componente que se define pela idade e pelas variáveis sociodemográficas associadas a uma maior idade, desde logo a conjugalidade e a existência de filhos.

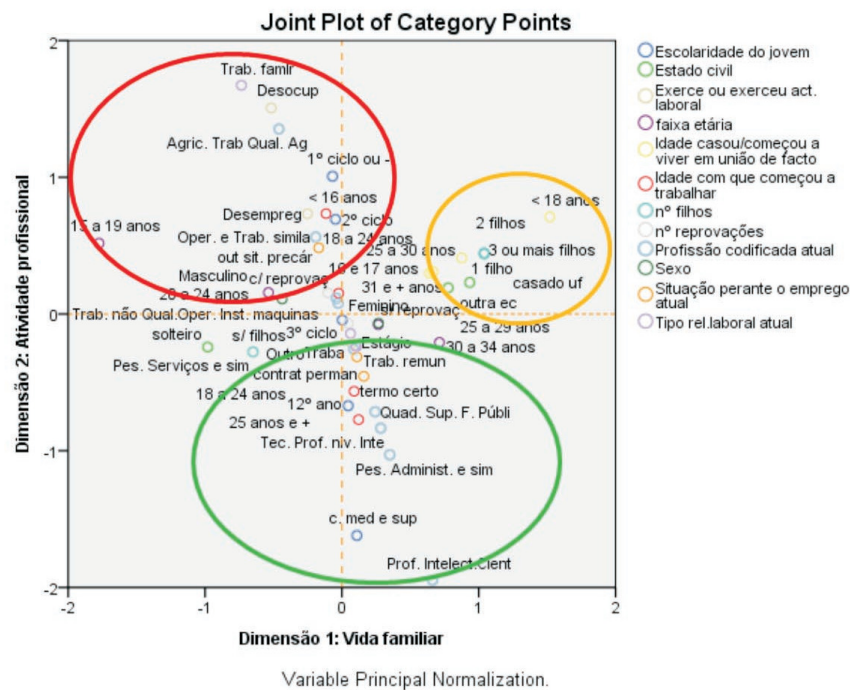
A componente 2 opõe os jovens, maioritariamente, com curso médio e superior, com profissões intelectuais e científicas, que começaram a trabalhar com 25 ou mais anos, com um tipo de relação laboral de

**Quadro 41.3** Componentes principais retidas na CatPCA

Variáveis	Componentes	
	1. Vida familiar	2. Atividade profissional
Sexo	,361	-,090
faixa etária	,789	-,230
Estado civil	,953	,235
nº filhos	-,813	-,347
Escolaridade do jovem	,053	-,780
Idade casou/começou a viver em união de facto	-,617	-,288
nº reprovações	-,087	,131
Exerce ou exerceu act. laboral	-,203	,593
Idade com que começou a trabalhar	,091	-,575
Profissão codificada atual	-,236	,694
Tipo rel.laboral atual	,135	-,306
Situação perante o emprego atual	,117	-,335
Valor próprio	2. 851	2.316
Variância explicada	28,5%	23,2%
$\alpha$ de Cronbach	0.708	0.620

**Quadro 41.4** Quantificação das categorias das variáveis nas componentes 1 e 2

	Variáveis	Quantificações negativas	Quantificações positivas
Componente 1	Sexo	Masculino	
	Faixa etária	15 a 19 anos	30 a 34 anos
	Estado civil	solteiro	Casado e união de facto
	Nº de filhos	Sem filhos	3 ou mais filhos
	Idade casou		Menos de 18 anos
Componente 2	Exerce ou já exerceu atividade laboral	Trabalhador	Desocupado
	Profissão atual codificada	Prof. Intelectuais e Científicas	Agricultores e trab. Qual. Agricultura e Pescas
	Tipo relação laboral atual	Trabalho remunerado e Estágio	Trab. familiar
	Situação perante o emprego atual	Termo certo	Outras situações precárias
	Idade começou a trabalhar	25 anos e mais	Menos 16 anos
	Escolaridade	Curso médio e superior	1º ciclo ou menos



**Figura 41.2** Mapa perceptual definido pelas duas componentes principais retidas

trabalho remunerado ou estágio e numa situação perante o emprego de contrato a termo certo aos jovens que se encontram desocupados ou no desemprego, sendo que os que aqui se encontram e trabalham são maioritariamente agricultores e trabalhadores da agricultura e pescas, com uma escolaridade do 1º ciclo ou menos. Estes jovens começaram a trabalhar com 16 anos ou menos, mantêm um tipo de trabalho familiar e encontram-se na categoria outras situações precárias no emprego atual. O que está em causa neste segunda componente é uma oposição no ingresso no mundo do trabalho.

Com base no mapa perceptual, podemos destacar essencialmente três grupos de jovens, um referente aos jovens que têm as mais elevadas habilitações escolares com profissões intelectuais e científicas. Estes jovens encontram-se ou já se encontraram na situação de trabalhador com um trabalho remunerado ou em estágio e, os que trabalham, estão com contrato de trabalho a termo certo e começaram a trabalhar com vinte e cinco anos ou mais. No segundo grupo, referente aos jovens com baixas habilitações escolares, estão os jovens que começaram a trabalhar com idade inferior aos dezasseis anos, que se encontram desocupados e/ou desempregados. Os que trabalham estão maioritariamente ligados à

agricultura e pescas, com uma relação laboral de trabalho familiar e encontram-se numa situação precária perante o emprego atual. O terceiro grupo, referente a jovens que casaram com uma idade inferior a 18 anos, inclui os indivíduos que se encontram na faixa etária dos 30 a 34 anos, casados ou a viver em união de facto e com três filhos ou mais. Neste último caso não se destaca nenhuma categoria referente ao mundo do trabalho.

Como em relação à análise anterior foi aplicada o método não hierárquico das *k*-médias (*k-means*), no âmbito da análise de *clusters*, tendo em vista confirmar e refinar os perfis identificados na análise de componentes principais categórica (CatPCA). Apresentam-se de seguida as principais características dos indivíduos agrupados nos três *clusters* em que 340 (34,4% do total) se encontram no *cluster 1*, 243 (24,6%) no *cluster 2* e 406 indivíduos (41,1%) no *cluster 3*. Também neste caso foram confirmados os perfis já identificados anteriormente.

Concretizando, o *cluster 1*, compreende aproximadamente um terço dos indivíduos, e foi nomeado como o dos *jovens inseridos no mercado de trabalho*, sendo composto pelas categorias de escolaridade dos jovens: 3º ciclo (34,4%), 12º ano (30,9% dos jovens desta categoria) e curso médio ou superior (22,6%), estamos, portanto, em presença de um grupo jovens francamente escolarizados no contexto da população em análise. Estes dividem-se de forma relativamente homogénea, no que ao sexo e à idade respeita. Embora se possam encontrar pequenas *nuances* nestas duas variáveis: maior predominância para as mulheres (54,7%), e na idade o grupo dos mais novos (15-19 anos) quase não está representado. Este facto compreende-se melhor pela relação entre idade e escolaridade, se as escolaridades são as mais elevadas de entre os jovens açorianos, só os mais velhos é que passaram tempo suficiente no sistema de ensino para as obter.

Na sua maioria (96,8%) trabalham e começaram a trabalhar entre os 18 e os 24 anos (75,4%). Em termos profissionais, enquadram-se no sector dos serviços: pessoal dos serviços e vendedores (39,2%); Pessoal administrativo e similares (22,3%) e Especialistas das profissões intelectuais e científicas (15,2%). Quanto ao vínculo estão numa situação relativamente privilegiada pois ou estão em contratos a prazo<sup>5</sup> (45,2%) ou em contratos permanentes (44,8%). São sobretudo trabalhadores (75,3%) mas é entre eles que podemos encontrar o maior número de estagiários nos 3 grupos (23,7%). Na sua maioria (75,3%) são solteiros e não têm filhos (91,8%). Este *cluster* corresponde, portanto, ao grupo

dos jovens com percursos escolares mais próximos daquilo que se idealiza. Contudo, se no mundo de trabalho muitos acederam a grupos profissionais relativamente privilegiados a vinculação não traduz na totalidade a sua melhor escolaridade, dado o elevado número de estagiários e de contratados a prazo.

O *cluster 2, jovens fragilizados perante o trabalho*, é composto sobretudo por rapazes (68,3%) com idades mais jovens (15-19 e 20-24, com 40,8% e 39,6%). Muito poucos têm mais que o 3º ciclo e a maioria tem o 2º (44,4%). São solteiros (96,7%) e não têm filhos (92,6%).

Quanto à relação com o mundo do trabalho, a maioria trabalha (56%) mas é aqui que encontramos a maior proporção dos desempregados (16,9%) e, sobretudo, dos desocupados (27,2%) nos três *clusters*. Este é, por isso, o *cluster* onde se verifica uma relação mais frágil com o trabalho. Essa fragilidade é realçada pela precocidade do seu ingresso na população ativa, a maioria começou a trabalhar com menos de 16 anos (55,2%). Em termos profissionais, os que trabalham desenvolvem as suas atividades num conjunto de grupos profissionais representativos de profissões menos qualificadas: Operários, artífices e trabalhadores similares (com 39%), Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas (25%) e pessoal dos serviços e vendedores (24,3%). Em termos de vínculo não existe nenhuma categoria que se destaque na distribuição dentro do grupo mas na comparação com os outros grupos verifica-se que é sobretudo aqui que se concentram os que se encontram em situações de maior precariedade (na categoria outras situações precárias<sup>6</sup> com 38,7%). Aliás, apesar de tudo esta é a categoria com mais peso na distribuição desta variável. Este *cluster* singulariza-se por uma outra questão, é sobretudo aqui que se encontram os trabalhadores familiares não remunerados (9,8% desta variável no *cluster*), em comparação o valor homólogo no *cluster 1* é 0 (zero) e no 3 é de 2,1%.

---

5 Considerar o contrato a prazo como uma forma de contratação (relativamente) privilegiada pode ser controverso se comparado com a norma do contrato sem termo. Contudo, se se tiver em conta o elevado número de indivíduos enquadrados por outras formas de vinculação como os recibos verdes, o trabalho ao dia, à peça ou à tarefa, a contratação a prazo assume um outro valor dado que se procedem a descontos para a reforma, protege em caso de doença e permite férias pagas. As outras formas contratuais dificilmente oferecem todos estes direitos, tanto mais que, com muita frequência, estão associadas à fuga ao pagamento de impostos e contribuições.

6 Nesta categoria estão agregadas situações como recibos verdes, trabalho à peça, à tarefa e ainda as situações difíceis de classificar noutra categoria.

Finalmente, o *cluster 3, jovens casadas dos serviços*, apresenta uma maior proporção de mulheres (59,1%) mais velhas (48,6% na categoria 30 a 34 anos e 33% na categoria 25 a 29 anos). A grande maioria é casada (89,9%) sendo que iniciou a vida conjugal entre os 18 e os 24 anos (63%). Na escolaridade não há uma categoria que se saliente mas poucas (apenas 14,3% têm o 12º ano ou mais). Acrescente-se que 77,3% tem um filho ou mais. Neste aspeto este *cluster* distingue-se claramente dos outros dois, já que quase ninguém tem filhos no *cluster 1 jovens inseridos no mercado de trabalho* e no *cluster 2, jovens fragilizados*. Mais, 8,9% das jovens deste *cluster* têm 3 ou mais filhos.

Em relação ao trabalho, a maioria exerce uma atividade (77%) e são sobretudo pessoal dos serviços e vendedores (40,3%). Em termos da vinculação, a categoria mais pontuada é a de emprego permanente (50,4%), mas o contrato a prazo assume também um valor relevante (34,2%).

### Conclusão: diversidades e persistências

Esta comunicação é um contributo para a caracterização e compreensão das diversas formas de transição escola-trabalho, com relevo para as transições desqualificadas e para o sistema de desigualdades sociais que lhe está subjacente.

Atualmente, a maioria dos jovens insere-se em processos de transição escola-trabalho lentos, intemporalmente delimitados, mercê da desregulação dos mercados de trabalho, das limitadas estruturas de oportunidades e do tendencial alongamento da escolaridade entre os jovens (Jones, 2002).

No contexto europeu, salienta-se a desestandardização, individualização e fragmentação das transições da escola para a vida profissional (Walther, 2006). Na literatura analisam-se as múltiplas repercussões desta situação no processo de autonomização e de transição dos jovens da escola para o mundo do trabalho, situação particularmente problemática nos países do sul da Europa (Moreno, 2012).

As especificidades portuguesas têm sido abordadas por um conjunto de estudos quantitativos e qualitativos publicados ao longo dos últimos anos e dos quais se deu notícia nesta comunicação. Estas especificidades relacionam-se com um elevado número de jovens pouco escolarizados, abandonando a escola de forma precoce para ingressarem

em empregos pouco qualificados, mal remunerados e precários e, mais recentemente, encontrando-se em maior número em situações de desemprego e mesmo de desocupação (Torres & Lima, 2014). Nesta comunicação estuda-se o caso da Região Autónoma dos Açores dado que esta região apresenta indicadores de escolaridade e de escolarização que, em regra, ultrapassam o resto do país pela negativa (Palos, 2012 e OD, 2014), especialmente no que respeita aos rapazes, aos quais se associa, recentemente, uma taxa de desemprego juvenil acima da média nacional, bem como um maior número de jovens desocupados (Torres, S. & Lima, F., 2014).

Os dados apresentados mostram que a situação dos jovens nos Açores, em relação à saída da escola está em linha com o que se encontrou na revisão da literatura para Portugal. Contudo destaca-se o peso expressivo dos que abandonaram a escola com resultados francamente abaixo da escolaridade obrigatória (para a maioria ainda será o 9º ano) e da escolaridade que na Europa se pretende ter como mínima, o 12º ano. Estes jovens representam um terço do total. Muito poucos abandonaram a escola antes dos 10 anos mas esse número, 25 indivíduos, não deixa de ser inquietante numa sociedade que pretende oferecer uma escolaridade obrigatória até aos 18 anos.

Destaca-se, em particular o grupo dos jovens rapazes fracamente escolarizados que apresenta uma inserção no mundo do trabalho francamente frágil (*cluster 2, jovens fragilizados perante o trabalho*), em flagrante contraste com o grupo dos mais escolarizados onde encontramos as situações mais favorecidas (*jovens inseridos no mercado de trabalho*). Mas, mesmo neste caso, esse favorecimento é relativo dado o significativo número de contratos a prazo e de estágios. Os dados relativos ao ingresso na atividade profissional vão no mesmo sentido.

Acresce que a situação é mais complexa do que simplesmente uma dicotomia entre jovens (relativamente) privilegiados e desprivilegiados no ingresso no mundo do trabalho. Dois fatores emergem para justificar um julgamento de maior complexidade: em primeiro lugar o facto do peso do grupo do abandono escolar precoce ser bastante significativo, um terço do total dos jovens. Mais ainda, alguns destes jovens abandonaram a escola muito cedo e muito antes do final da escolaridade obrigatória e ingressaram muito novos no mundo do trabalho. Em segundo lugar, foi possível verificar a existência de um terceiro *cluster* (*jovens casadas dos serviços*) constituído,

sobretudo, por raparigas mais velhas, já com filhos e inseridas em profissões na área dos serviços e das vendas. Trata-se, aliás, do *cluster* com maior peso no conjunto. Neste caso, mais do que transição para o mercado de trabalho este grupo centra-se na transição para a vida adulta dado que são vários os indicadores desta segunda transição que caracterizam este *cluster* (a existência de filhos e a conjugalidade, para além da existência de atividade laboral).

Mau grado os perfis encontrados, existe uma regularidade que se salienta, em todos se pode verificar a existência de situações de precariedade no relacionamento com o mundo do trabalho. Contudo, essa precariedade tende a ser francamente mais acentuada num dos perfis e está claramente associada a um abandono precoce do mercado de trabalho com escolaridades muito baixas. Quer dizer, apesar dos graves problemas associados à saída da escola e de ingresso no mercado de trabalho que os dados permitiram detetar, é evidente que ter uma escolaridade maior pode ser um fator de minimização destes problemas, embora não para todos os indivíduos.

Enfim, os dados mostram que sair precocemente da escola continua a acontecer mas esta saída já não está claramente associada ao ingresso precoce no mundo do trabalho. Este tipo de ligação é visível nos dados mas também é visível a existência de jovens que abandonaram precocemente a escola mas que não conseguiram ingressar no mundo do trabalho, mesmo para empregos sem qualidade.

### Referências bibliográficas

- Alves, N. (1998), "Escola e trabalho: atitudes, projectos e trajectórias", in Pais, José Machado e Cabral, Manuel Villaverde, *Jovens Portugueses Hoje*, Oeiras, Celta, pp. 53-133.
- Alves, N. (2007), "Capítulo II Inserção profissional: do "problema social" ao problema sociológica", in *Inserção profissional e Formas Identitárias*, Lisboa, UL.
- Alves, N. A., F. Cantante, I. Baptista e R. M. do Carmo (2011), *Jovens em Transições Precárias. Trabalho, Quotidiano e Futuro*, Lisboa, Mundos Sociais.
- Beck, U. (2005), *Risk Society: Towards a New Modernity*, London, Sage.
- Biggart, A. and Walther, A. (2006), "Coping with yo-yo transitions: young adults struggle for support, between family and state in comparative perspective". in C. Leccardi, and E. Ruspini (eds) *A New Youth? Young People, Generations and Family Life*, Aldershot, Ashgate, pp. 41-62.

- Castel, R. (2009), *La Montée des Incertitudes: Travail, Protections, Statut de l'Individu*, Paris, Ed. du Seuil.
- Centeno, L., Erskine, A., Pedrosa, C. (2000), *Percursos Profissionais de Exclusão Social*. Lisboa, Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Diogo, F. & Faria, P. (2014), "Acesso ao mercado de trabalho: jovens com baixas qualificações escolares e de contextos sociais desfavorecidos" in Colóquio Internacional do Observatório da Juventude dos Açores, *Os desafios da Juventude nas Regiões Europeias*, Ponta Delgada, 4 e 5 de Dezembro de 2014.
- Diogo, F. (2007), *Pobreza, Trabalho, Identidade*, Oeiras, Celta.
- Diogo, F. (2010), Precários voláteis e trajetórias de emprego em carrossel, o caso dos beneficiários do RSI, *Fórum Sociológico*. 20, pp. 29-38.
- Diogo, F. (2012), "Precariedade no emprego em Portugal e desigualdades sociais: alguns contributos", *Observatório das Desigualdades*, publicado em 26 de Outubro de 2012. disponível em <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&lang=pt&id=129>
- Diogo, F. e Vaz, F. F. (2014), "Precários em trajetória de emprego em carrossel: trabalhadores pobres em Portugal. comunicação apresentada ao VIII Congresso Português de Sociologia: 40 anos de democracia(s): progressos, contradições e prospetivas, Universidade de Évora 14 a 16 de abril.
- Estanque, E. (2005), "Classes, precariedade e ressentimento: mudanças no mundo laboral e novas desigualdades sociais", *Oficina do CES*, 238 in <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11122> acedido em 11 de Abril de 2012.
- Ferreira, V. S. (2014), *Trabalho e Meios de Vida Juvenis. Observatório da Juventude*, <http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/setembro-2014> acedido em 15 de Junho de 2015.
- Guerreiro, M. D. e Abrantes, P. (2007), *Transições Incertas: Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, CITE.
- Guerreiro, M. das D. e Pegado, E. (2006), *Os Jovens e o Mercado de Trabalho: Caracterização, Estrangulamentos à Integração Efectiva Na Vida Activa e a Eficácia das Políticas*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, Direcção-Geral de Estudos, Estatística e Planeamento.
- Guerreiro, M. das D., Cantante, F. e Barroso, M. (2009), *Trajectórias Escolares e Profissionais de Jovens com Baixas Qualificações*, Lisboa, Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).
- Guerreiro, M. das D. e Abrantes, P. (2005), "Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (20) 58, pp. 157-212.
- Jones, G. (2002), *The Youth Divide*, York, Joseph Rowntree Foundation/York Publishing Services.
- Kovács, I. (2005), "Introdução", in Kovács, Ilona (org.), *Flexibilidade de Emprego: Riscos e Oportunidades*, Oeiras, Celta, pp. 1-9.

- Kovács, I. (2013), "Flexibilização do mercado de trabalho e percursos de transição de jovens: uma abordagem qualitativa do caso da área metropolitana de Lisboa", *Socius Working Papers*, Lisboa.  
[http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5689/1/WP\\_01\\_2013.UV.pdf](http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5689/1/WP_01_2013.UV.pdf)  
acedido em 15 de junho de 2015.
- Lobo, M. C., Ferreira, V. S., & Rowland, J. (2015), *Emprego, Mobilidade, Política e Lazer: Situações e Atitudes dos Jovens Portugueses Numa Perspectiva Comparada*. Lisboa, Observatório Permanente da Juventude.
- Machado, F. L., Silva, A. (2010), *Quantos Caminhos Há no Mundo? Transições Para a Vida Adulta Num Bairro Social*, Cascais, Principia.
- Moreno, A. (2012), "The transition to adulthood in Spain in a comparative perspective: the incidence of structural factors", *Young*, 20 (1), pp. 19-48.
- OCDE (2011), *Divided We Stand: Why Inequality Keeps Rising*, OECD Publishing.
- OCDE (2012), *Economic Policy Reforms 2012: Going for Growth*, OECD Publishing.
- OD – Observatório das Desigualdades (2014), "Abandono precoce de educação e formação: tendência de queda em Portugal e na Europa", *in* <http://observatorio-das-desigualdades.com/2014/02/03/abandono-precoce-de-educacao-e-formacao-tendencia-de-queda-em-portugal-e-na-europa/#more-335> acedido em 16 de março de 2015.
- Oliveira, L., Carvalho, H. e Veloso, L. (2011), "Formas atípicas de emprego juvenil na União Europeia", *Sociologia, Problemas e Práticas*. 66, pp. 27-48.
- Palos, A. C. (2004), "Da escola ao mundo do trabalho: quando a incerteza e a precariedade configuram a inserção profissional dos jovens açorianos", *Arquipélago, Ciências da Educação*, 5, pp. 31-61.
- Palos, A. C. (2012), Educação, *in* Rocha, G., A. C. Palos, F. Diogo e L. Tomás, *Dinâmica Demográfica, Educação, Emprego e Desigualdades Sociais nos Açores 2014-2020*. Ponta Delgada, Centro de Estudos Sociais, Relatório policopiado, pp. 48-101.
- Palos, A. C. (2014), "'Mais educação mas menos trabalho!': os jovens e a fragilização das relações laborais", *in* AAVV, *Anais do IV Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação*. Porto, pp. 333-341.
- Piketty, T. e Saez, E. (2014), "Inequality in the long run" *Science*, (344), 6186, pp. 838-843, *in* <http://www.sciencemag.org/content/344/6186/838.full.pdf> acedido a 23 de junho de 2014.
- Tomás, L. (2012), "Atividade económica e estrutura empresarial" *in* Rocha, G., A. C. Palos, F. Diogo e L. Tomás, *Dinâmica Demográfica, Educação, Emprego e desigualdades Sociais nos Açores 2014-2020*, Ponta Delgada, Centro de Estudos Sociais. relatório policopiado, pp. 102-133.
- Torres, S. & Lima, F. (2014), "6. Tema em análise: Dinâmica e caracterização dos jovens não empregados que não estão em educação ou formação (NEEF) em Portugal", *in* INE. *Estatísticas do Emprego – 3º trimestre de 2014*, Lisboa, INE, pp. 35-47.

- Vieira, M. M., Ferreira, V. S., & Rowland, J. (2015), "Retrato da juventude em Portugal: traços e tendências nos censos de 2001 e 2011", *Revista de Estudos Demográficos*, (54), pp. 5-25.  
[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/179586/1/ICS\\_MMVieria\\_VSFerreira\\_JRowland\\_Retrato\\_ARN.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/179586/1/ICS_MMVieria_VSFerreira_JRowland_Retrato_ARN.pdf) acedido em 15 de junho de 2015.
- Walther, A. (2006), "Regimes of youth transitions. Choice, flexibility and security in young people's experiences across different European contexts" *Young*, 14 (2), pp. 119-139.